

**“ACABOU A GUERRA ... DE VOLTA AO LAR”
REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA IMPRENSA PARAGUAIA
DURANTE E APÓS A GUERRA DO PARAGUAI. 1864 - 1904.**

Fernando Lóris Ortolan

RESUMO

Este texto tem por objetivo apresentar uma análise das representações construídas sobre as mulheres paraguaias no período da Guerra e do pós-Guerra do Paraguai (1864-1904). Para a compreensão dessas representações, valemo-nos dos discursos veiculados pela imprensa em ambos os períodos. As imagens e informações que os jornais veiculavam a respeito das mulheres que lutaram na Guerra do Paraguai procuravam representá-las como *guerreiras espartanas*, que deveriam ser exemplos para toda a sociedade, de motivação e de difusão patriótica. Se a atuação e engajamento das mulheres na resistência durante o período da Guerra foram significativos, no pós-Guerra o reconhecimento da necessidade de sua atuação em diversas tarefas recaía no plano da economia e da moral, fundamentais para o processo de reconstrução nacional. A tentativa de saída para a crise demográfica que se abatera sobre o país, após o final da Guerra, reforçou as divisões de gênero com o enaltecimento da maternidade e do sacrifício das mães, bem como a exclusão das mulheres do espaço público.

Palavras-chave: Mulheres paraguaias, imprensa, gênero.

ABSTRACT

This text has for objective to present an analysis of the representations built on the Paraguayan women in the period of the War and of the postwar period of Paraguay (1864-1900). For the understanding of those representations, we were worth ourselves of the speeches transmitted by the press in both periods. The images and information that the newspapers transmitted regarding the women that struggled in the War of Paraguay tried to represent them as *spartan warriors*, that they should be examples for the whole society, of motivation and of patriotic diffusion. If the performance and the women's engagement in the resistance during the period of the War were significant, in the postwar period the recognition of the need of his performance in several tasks relapsed in the plan of the economy and of the morals, fundamental for the process of national reconstruction. The exit attempt for the demographic crisis that he had fallen on the country, after the end of the War, it reinforced the gender divisions with the exaltation of the maternity and of the mothers' sacrifice, as well as the women's of the public space exclusion.

Key- Words: Paraguayan women, presses, gender.

A imprensa, através dos jornais, atribui-se a autoridade para exigir, em nome da sociedade, o cumprimento das normas, de tal modo que confere modelos distintos para o homem e a mulher. Essa “delegação auto-outorgada” configura uma manipulação dissimulada, com finalidade persuasiva de cunho ideológico. É importante perceber, ao mesmo tempo, o discurso jornalístico como um espaço de produção de sentido, na medida em que ele aponta as suas opiniões e opera um posicionamento pré-definido. Ou seja, além do papel social definido em feminino e masculino, as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos não só enquanto sexo genital, mas igualmente moldando-os a práticas normativas.

Enquanto no período do desenrolar da Guerra do Paraguai, as capacidades das mulheres receberam destaque na imprensa, com o intuito de motivá-las a colaborar com o Estado; no período do pós-guerra, as campanhas que defendiam a participação política, a *libertação* da mulher de sua *prisão doméstica* e a garantia de acesso a melhores níveis de educação para as mulheres, visando sua lenta e gradual emancipação, ficariam restritas aos discursos.

A partir da percepção da imprensa como um meio de comunicação, capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas e sendo um *lugar de memória*, é preciso compreender como foram construídas, no período da Guerra e do pós-guerra do Paraguai, as representações das mulheres paraguaias nos principais jornais paraguaios.

Tentaremos analisar e discutir essas representações, na medida em que esses discursos, cada qual com uma estratégia discursiva peculiar, apresentam elementos definidos que apresentariam o modelo ideal de mulher para distintos momentos. A partir da noção de representação é possível compreender como se estruturou o universo cultural da mulher paraguaia, qual imagem se projeta dela e quais significados podem revelar a sua realidade.

1. IMPRENSA, GÊNERO E GUERRA.

Os editoriais dos jornais, vinculados ao Estado no momento da Guerra e a grupos político-ideológicos no pós-guerra, trazem um discurso que é resultado de um contexto e de um processo complexo, adotando uma fala própria e considerada verdadeira.

Ao falar da imprensa em uma determinada época, temos, obrigatoriamente, que referir o local no qual ela está inserida, bem como compreendermos as relações sociais e culturais determinantes neste local. Por isso, a dinâmica relacional deve ser historicamente pensada, pois os discursos de uma determinada época histórica são espaços privilegiados, onde várias vozes disputam a hegemonia das representações.

É por meio das representações que os grupos sociais se atribuem uma identidade, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros. As representações não são, pois, simples reflexo de uma determinada realidade, uma vez que são um elemento de transformação da mesma e de atribuição de sentido ao mundo. (Chartier, 1990:19).

Nessa perspectiva, as representações sociais são consideradas como uma forma de construção social da realidade cuja mediação atravessa e constitui as práticas através das quais se expressam. Para Denise Jodelet, *“As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”*. (Jodelet, 2002:22).

As representações sociais fazem parte de um sistema simbólico que produz um conhecimento sobre o mundo, isto é, atribui significados à realidade. Através dessa rede simbólica de sentidos, é possível pensar o mundo e certas práticas sociais. O entendimento de que as representações estão ancoradas na dimensão da vida social, para qual dão significados, torna necessário apreender o processo de sua produção e representação, como organizam seu sistema de conhecimento do senso comum, de idéias e de valores. (Spink, 1993:300).

Ainda, segundo a proposta de Jodelet, é fundamental considerar as condições da sua produção em seu espaço e tempo, ou seja, as responsáveis pela possibilidade de explicação, de interpretação do sentido que os grupos atribuem ao objeto representado. Toda representação se origina em um sujeito - individual ou coletivo - e se refere a um objeto, ou seja, toda representação é representação de alguém e de alguma coisa. Desse modo, propõe três ordens de fatores a serem levados em conta como condições de produção das representações: a cultura, tomada no sentido amplo e no mais restrito, a comunicação e linguagem e a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica. (Jodelet, 2002:17-44).

Assim, nas imagens e textos podemos encontrar representações sociais que instituem o mundo em suas clivagens valorativas, nos recortes significativos que definem as categorias de percepção, análise e definição do social.

O historiador tem um papel importante ao buscar a racionalidade que está contida, explícita ou não, apresentada ou representada no artigo de jornal. Além dos aspectos subjetivos de quem escreve, os jornais utilizam mecanismos próprios de seus interesses ou da classe que estão representando.

Como afirma Maria Helena Capelato, *“os documentos são, ao mesmo tempo, falsos e verdadeiros. A tarefa do historiador consiste em desmistificar o seu significado aparente, explicitando que sua roupagem resulta de uma construção. Demoli-la implica analisar as condições em que o documento foi produzido”*. É necessário antes de mais nada saber: *“quem produziu o jornal? para quê? como e quando?”* (Capelato, 1998:24).

Os jornais manifestavam a opinião de determinado grupo institucional com relação aos aspectos considerados relevantes e dignos de serem mencionados sobre as mulheres. No interior desses discursos, os interesses perpassam e atravessam vários pontos, materializados em opiniões, aconselhamentos e predições.¹ (Foucault, 2001:08-09). Discursos esses que, ao mesmo tempo, foram responsáveis em criar um modelo de mulher para a sociedade paraguaia, o que pode ser articulado com uma problemática social mais geral, como a definição social dos papéis de gênero.

Nesse sentido, cabe ressaltar a pertinência de empregar a categoria de gênero para identificar os fundamentos biológicos e as construções culturais que impõem códigos de conduta, hierarquizam a sociedade e geram a dominação, desigualdades e exclusões sociais. É preciso, pois, entender que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e é um conceito relacional, compreendendo a idéia de que não é possível analisar homens e mulheres em separado, já que um se define em relação ao outro. (Scott, 1995:133-184).

As representações de gênero presentes no imaginário de uma época são construídas socialmente e criam modelos distintos para o homem e a para a mulher. Para a mulher, difunde-se a função reprodutiva do âmbito doméstico, descartando-se seu potencial de intervenção na sociedade. Por intermédio da imprensa, legitimada pela instituição Estado, essas orientações e esses modelos de mulher são difundidos e, ao mesmo tempo, são estabelecidos os códigos de conduta e as sociabilidades que norteiam, também, os comportamentos de gênero.

Desse modo, ao observar a Guerra e o pós-Guerra do Paraguai a partir da perspectiva de gênero, significa pensar as relações e articulações entre o *espaço público* e o *espaço privado* de uma sociedade em guerra. Para Joshua Goldstein: “*não há nenhum lugar onde os papéis de gênero são tão proeminentes como nas guerras*”. Ele afirma que a mulher tem um complexo papel nas guerras e que sua presença regula o comportamento sexual e social dos homens. (Goldstein, 2001).

Françoise Thébaud nos mostra como as duas guerras mundiais, especialmente a Primeira, interromperam o movimento feminista que na época lutava pelo direito ao voto. Aponta, inclusive, como as nações em guerra reforçam identidades de gênero e após a guerra as crises demográficas dão ensejo a toda uma simbologia de enaltecimento da maternidade. (Thébaud, 1995:27-93). Nas guerras, as mulheres passam a viver sozinhas e a cuidar sozinhas de si próprias e do grupo familiar. O final dos conflitos [Primeira Guerra Mundial] “*mostrará quão frágeis foram as suas conquistas, quão conservadora é a guerra em matéria de relações entre os sexos e até que ponto se pôde fazer regressar as mulheres ao lar e às tarefas de seu sexo*”. (Thébaud, 1995: 31).

Outro autor importante na análise *gênero e guerra* é Luc Capdevila, especialista em História Social e Cultural da Guerra. Capdevila tem procurado entender como as guerras transformaram os papéis e as fronteiras do gênero. As guerras, para ele, são acontecimentos que produzem uma vasta quantidade de documentos sobre o gênero. Ao avaliar essas questões na Primeira e na Segunda Guerra Mundiais afirma que:

ocorreu uma espécie de aproximação horizontal nas funções dos homens e das mulheres e uma outra do ponto de vista da hierarquia, porque os homens perderam uma parte de sua autoridade sobre as mulheres, na medida em que não estavam presentes, e as mulheres tinham de se virar sozinhas, adquirindo, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, uma autonomia financeira com o desenvolvimento do trabalho assalariado. Essa aproximação, ao mesmo tempo horizontal e vertical, conduz a uma aproximação das identidades masculina e feminina. Embora a aproximação das identidades tenha conduzido a uma crise nas relações de gênero, as duas guerras mundiais deram espaço à aceleração dessa construção da igualdade dos sexos. (Capdevila, 2005:81-102).

Como em outros conflitos, a Guerra do Paraguai, assim como o pós-Guerra, as relações de gênero são flexibilizadas e não estão pautadas somente ao privado, mas ao cenário político do conflito, pois de alguma maneira a guerra politiza as relações de gênero.

2. LAS HIJAS DE LA PÁTRIA.

De 1864 a 1870, durante a Guerra da Tríplice Aliança, sob o governo de Francisco Solano López, apareceram os periódicos de acampamento. Nessa fase, os periódicos passam a desempenhar um papel fortemente patriótico e nacionalista, pois sua finalidade era motivar os combatentes ou mesmo informar a população sobre o deslocamento das tropas e, ao mesmo tempo, insultar o inimigo com termos depreciativos e racistas. Tinham um estilo popular e direto, *“por su imagen expresiva y clara, reflejando el típico humor paraguayo a través de ágiles artículos, comentarios y versos escritos en guarani y castellano. Los grabados que acompañaban las ediciones están considerados como clásicos desde el punto de vista técnico así como el humor ácido y picante”*. (Escobar, 1982:46).

Ao analisarmos a participação das mulheres na Guerra do Paraguai, constatamos que grande parte do vigor nacional e das demonstrações de solidariedade com os soldados nos campos de batalha relaciona-se às pressões que o Estado paraguaio fez por meio dessa

imprensa. As mulheres acabavam manifestando seu apoio à Guerra com demonstrações variadas de entusiasmo coletivo, pois era necessário convencê-las e certificar-se de sua adesão em caso de necessidade, já que em determinadas situações e estágios da Guerra, elas foram a alternativa para a manutenção e a defesa da Pátria.

A propaganda jornalística terá importante papel, persuadindo e manipulando, constituindo-se em importante aliada do Estado, já que todos os órgãos de imprensa eram oficiais, com uma propaganda dedicada à anti-Aliança. Assim, os jornais da época tornaram-se um termômetro da opinião pública a respeito da Guerra. Todos os periódicos que eram dirigidos aos soldados, com exceção do *Semanário*², tinham um único objetivo: atacar os aliados com caricaturas e sátiras para ridicularizar o inimigo e divulgarem crônicas exaltando os combates, louvando as virtudes do combatente paraguaio, para manter elevada a moral da tropa. O que facilitou a propagação dessas idéias foi o fato delas serem publicadas em espanhol e guarani, exceto o *Cacique Lambaré* que era redigido exclusivamente em guarani.³

A imprensa, ao difundir o patriotismo, buscava o engajamento não só dos homens, mas de toda a população paraguaia. É importante destacarmos que ela enfatizava os atos de heroísmo com acentuado exagero, transformando-os em feitos heróicos e difundindo a confiança na vitória. As imagens e as informações que os jornais veiculavam a respeito das mulheres procuravam representá-las como grandes *guerreiras espartanas*, que deveriam ser vistas como exemplo para toda a sociedade, como motivação e difusão patriótica.(Ortolan, 2004:41-78).

Para reforçar estes movimentos, a imprensa divulgava situações em que mulheres manifestavam sua vontade de *pegar em armas*. Os registros que se referem a este anseio e a esta vontade de lutar evidenciam a intenção desses jornais, fortemente vinculada aos interesses do Estado paraguaio. No dia 15 de dezembro de 1867, as mulheres de *Areguá*, em uma manifestação, teriam se apresentado perante as autoridades locais para solicitar autorização, com o objetivo de serem admitidas no exército. Esta situação é destacada pela imprensa como *atitude patriótica*, expressa no desejo de algumas mulheres em *pegar em armas*. (*Cabichuí* de 9 de janeiro de 1868, ano 2, n. 72. p. 4).

É evidente que, para o governo paraguaio, as manifestações de apoio à Guerra e os atos de patriotismo eram importantes, uma vez que o recrutamento de mulheres, sobretudo das camadas populares, seria uma alternativa caso se esgotassem outras fontes de recrutamento.

Os jornais, principalmente o *Cabichuí* e o *El Centinela*, utilizavam imagens significativamente representativas. Assim, os *efeitos de sentido* produzidos, principalmente pela imagem, são extremamente expressivos. Como poucas mulheres sabiam ler e escrever, a imagem, sem dúvida, tinha a proposta de tornar a mulher parte da Nação e da causa paraguaia naquele momento.

A imprensa oficial exaltou, do mesmo modo, a demonstração patriótica das mulheres paraguaias, sobretudo das damas - o *bello sexo* - que, “voluntariamente”, apoiavam a Guerra, destacando seu sacrifício e a abnegação demonstrada na doação de suas jóias. A proposta de arrecadar as jóias para posteriormente confeccionar o *Livro de Ouro*⁴ é usualmente apresentada como uma idéia que partiu de Solano López e de Elisa Lynch.

Ao começar a Guerra, as mulheres camponesas estavam vinculadas às divisões do exército nacional paraguaio, como as *mulheres de acampamentos*. Muitas eram esposas, companheiras, concubinas, prostitutas ou irmãs dos militares. Os *regimentos femininos* desempenharam diversas funções no acampamento paraguaio, como as tarefas domésticas de rotina - limpeza e construção de palhoças -, o enterro dos mortos, o transporte de materiais bélicos - canhões e carros de munições - e o eventual apoio na construção da defesa militar. Sua presença, sem dúvida, elevava a moral da tropa, evitando, em parte, a deserção de muitos soldados e criando, de certa forma, um aparente ambiente familiar nos acampamentos.

Em 1864, quando se iniciaram os primeiros conflitos, algumas delas já estavam próximas de seus familiares. Em Humaitá e Paso Pucú, foram integradas diretamente às guarnições militares, com uma estrutura similar a dos soldados e incorporadas por divisões, subordinadas diretamente às *sargentas* que cuidavam da ordem e coordenavam os trabalhos. Criando o posto de *sargentas*, o governo pretendia ter um maior controle sobre as mulheres.

Essas *sargentas*, possivelmente eram mulheres *residentas* e talvez desfrutassem de maior confiança por parte dos chefes militares.(Thompson, 1968:27).

As *residentas* eram as mulheres obrigadas a seguir o exército de López pelo país. O culto à *residenta*, considerada a heroína que acompanhou, pacientemente, o homem em muitos momentos da Guerra, é parte de uma idealização romântica presente nos estudos da Guerra do Paraguai.(Odone, 1974 e Torres, 1967).

Também haviam as *destinadas*, mulheres consideradas “traidoras” por terem algum traidor ou conspirador em suas famílias. Transformadas em *destinadas*, foram enviadas para Yhú, entre janeiro e maio de 1869, permanecendo em razoáveis condições até o mês de agosto, quando Curuguaty foi declarada a capital da República, e Yhú se tornou um ponto de passagem para as tropas que iam até Curuguaty. Depois de marchar até Curuguaty, seguiam em marchas forçadas até Igatimi e, por último, até Espadín, onde foram libertadas pelas tropas brasileiras. (Alcalá, 1991:16-17).

Enquanto as *destinadas* tinham um assentamento fixo em pequenos “campos e concentração” e permissão para o cultivo da terra, as *residentas* não recebiam ração do exército e estavam condenadas a viver das sobras dos soldados, a comprar alimentos no mercado negro ou a coletar alimentos nos bosques próximos. (Alcalá, 1991:06-42).

A imprensa ligada aos interesses de propagação da veneração da mulher também difundiu imagens heróicas. Muitos artigos dos jornais estavam empenhados em ressaltar a coragem da mulher paraguaia e, ao destacar os atos de heroísmo, pretendia-se manifestar e difundir o menosprezo pelo inimigo, como também a confiança na vitória.

A imagem de uma mulher guerreira e competente para a batalha tinha o propósito de impor medo ao exército inimigo, legitimando uma força substituta na Guerra. Em uma ocasião, duas mulheres com apenas uma faca e um pedaço de pau matam o “monstruoso jaguar”. O texto, ainda, faz alusão ao trabalho das mulheres, pois naquele momento “*regaban con el sudor de su rostro, y donde alendian al cuidado de sus ganados*” e depois da “breve luta” com coragem mataram o tigre e “*dedicaron la piel como obsequio á S.E. el Señor MARISCAL LÓPEZ*”. (Cabichuí de 22 de junho de 1868. n. 91. pp. 3-4.)

O governo López, contudo, utilizava as habilidades propagandísticas em prol de seus interesses. Para o governo, restavam poucas alternativas e, sem dúvida, dignificar o trabalho das mulheres era uma delas. A imprensa, através do *Semanário*, distingue a participação das mulheres:

Virtud sacrosanta vos sois, la que inspiráis de día y de noche sobre la cuna de vuestros hijos, la que anima el corazón del soldado y de conduce a la muerte en defensa de la patria (...) Recibid, señoras, estas palabras que os dirijo, como el humilde homenaje de mi piedad y admiración a tanto modelo de patriotismo y virtudes cívicas (...) Es de dominio público que las señoras han tomado parte distinguida en la guerra que sostiene la Republica heroicamente contra los ejércitos del Imperio del Brasil, de la Confederación Argentina y del Estado Oriental (...) Benditas sean las paraguayas, virtuosas hijas de la patria, vuestras inspiraciones son celestiales. Recibid los parabienes de la prensa nacional. (*Semanário* de 26 de janeiro de 1867. n. 666. p. 3.)

Toda ação das mulheres, ou seja, a politização daquilo que era desempenhado por elas - de forma voluntária, por algumas, ou compulsória, por outras - foi reconhecida por Solano López e, por conseguinte, difundida na imprensa. Mas é necessário entender o quanto ele necessitava do apoio dessas mulheres e o quanto significava seu trabalho. Não restam dúvidas de que a mulher ficava sobrecarregada, assumindo outras atividades; outras atividades significavam mais obrigações e isso era muito bem apresentado pelo discurso da imprensa. O que se vai ver, principalmente no pós-Guerra, é que os direitos e os espaços que cabiam à mulher ficarão no discurso e na propaganda.

3. NOS ESCOMBROS DA GUERRA.

Assunção, ocupada pelos Aliados em 1º de janeiro de 1869, foi submetida a uma pilhagem quase que total, sobretudo pelos brasileiros. A Capital tornou-se um centro de comércio, com cerca de duas mil casas de negócio e a maioria da população era formada por mulheres que haviam acompanhado as tropas e seguiam em direção à Capital. (Mello, 1873:31).

Muitas mulheres, contudo, sofreram abusos sexuais. É possível que fossem poupadas as mulheres da elite, mas eram, sobretudo, as mulheres do povo as mais visadas. Segundo os relatos, as mulheres, principalmente aquelas que caíram nas mãos de brasileiros,

foram violentadas. Muitas delas foram presas fáceis para os 30.000 soldados que tomaram a Capital. (Decoud, 1925:76).

O estupro como arma de guerra e outras formas de violência contra as mulheres consolida-se como um padrão sistemático e que se repete em muitos conflitos e na Guerra do Paraguai não foi diferente. Humilhar uma mulher sexualmente e destruir sua integridade física e moral torna-se, também, um meio de aterrorizar, rebaixar e derrotar o país inimigo. Os costumes, a cultura e a religião constroem a imagem das mulheres como a de quem carrega a honra de sua Nação, por isso, busca-se punir, intimidar e humilhar as mulheres.

No decorrer dos anos de 1869 e 1870, os sobreviventes esforçaram-se cada vez mais para chegar à Capital. Até a retirada dos brasileiros em 1876 e dos argentinos do território do Chaco em 1878, a situação política do Paraguai estava caracterizada por um antagonismo entre as potências ocupantes. O Brasil dizia-se preocupado com uma política social e econômica, já os argentinos estavam preocupados com as possessões territoriais pactuadas no Tratado da Tríplice Aliança. As tropas argentinas, por terem ocupado o Chaco quase despovoado, tinham uma força militar menor que a do Brasil que dominava parte do Paraguai Oriental e da Capital. Todavia, o poder estava praticamente nas mãos dos brasileiros.

Politicamente, o início do pós-Guerra é caracterizado pela escassez de homens com experiência e competência para governar e reconstruir o Paraguai. Para cada ação era necessária a aprovação dos Aliados, sobretudo dos do Brasil que, no sentido de estabilizá-lo politicamente, queriam evitar que os cargos públicos fossem ocupados por paraguaios com tendência pró-Argentina. (Doratioto, 2004:210).

Finalizada a Guerra, a classe alta paraguaia dividiu-se em dois grandes grupos: os *lopiztas* e os *legionários*.⁵ (Castro, 1997:27-28). Os últimos compreendiam, basicamente, integrantes do exército aliado e paraguaios residentes fora do país no período da Guerra. As medidas impostas pelos novos governantes pertencentes à classe alta comprovam a influência da ideologia liberal, devido ao exílio de muitos em Buenos Aires.

Com o governo provisório, apareceria os primeiros sinais de uma nova imprensa, cujos indicativos ideológicos eram bem distintos. Desapareceriam, dessa forma, os jornais que, por circunstâncias extremas, mantiveram um alto espírito patriótico e que haviam dado voz à situação.

A penosa tarefa de reconstruir o Paraguai foi levada a diante com altos e baixos. A Constituição Liberal de 1870 consagrou liberdades, limitou os poderes governamentais e permitiu o surgimento de uma imprensa livre, mesmo que associada a um partido político. Coincidência ou não, os líderes políticos, em sua maioria, eram os administradores, os editores, os redatores ou mesmo os proprietários dos jornais. Ainda, com tudo isso, a imprensa foi decisiva em apoiar a reconstrução e a melhoria das condições de vida da população.

Basicamente, a imprensa do pós-Guerra apresenta um *corpus* de idéias liberais, sustentadas por um eixo temático que induz ao exercício dos direitos civis e políticos e da soberania popular, a limitação dos poderes do Estado, ao livre comércio, etc. Essa doutrina liberal era a ideologia moderna do momento e que estava produzindo resultados nos Estados Unidos e na Argentina.

Na tentativa de reconstruir o país, a imprensa local, traduzindo os interesses desse Estado liberal e da elite paraguaia, toma para si o papel de difusora dos novos princípios de modernidade. Nesse contexto, a condição feminina sofreu profundas mudanças, já que, através da imprensa, pretendeu-se reformar os hábitos, imprimir novos costumes e moldar outra imagem da Capital paraguaia. Vale ressaltar, ainda, que a imprensa no pós-Guerra denunciava os problemas sanitários e as doenças, a prostituição, os abusos e estupro e destacava, constantemente, questões de ordem moral.

Assim, a imprensa muda significativamente seu discurso. Pouco se falava sobre os direitos das mulheres e sobre o reconhecimento de sua atuação na Guerra. A tentativa de saída para a crise demográfica que se abatera sobre o país, após o final da Guerra, significou o reforço das fronteiras de gênero com o enaltecimento da maternidade e do sacrifício das mães, bem como a exclusão das mulheres do espaço público.

Ao final da Guerra, em 1869, *La Estrella* em artigo intitulado “*Un consejo a las mujeres*”, mencionou: “*La piedad y el trabajo son las virtudes que deben embellecer y deben adornar a las mujeres (...)*”. Através da imprensa, criaram-se *arquétipos perfeitos* da mulher paraguaia, devota e dedicada à causa paraguaia:

Madre: quiere volar al lado de su tierno hijo para animarlo en el fragor de los combates. *Hija*: pide la mecha encendida del cañón para ayudara su querido padre en lo más recio de las batallas. *Esposa*: desea mezclar su sangre con la de su marido, y ofrecerla en holocausto de la patria. *Huérfana y viuda*: solicita una lanza para vengar la sangre de su corazón y los ultrajes de su adorada patria. *Republicana*: en fin, ha jurado sostener con gloria su bandera, amortajarse con ella antes de arrastrar sumisa la pesada cadena de la servidumbre”. (*grifo nosso*). (*La Estrella* n. 14 de 10 abril de 1869.)

Mulheres e homens ocupam lugares tradicionalmente traçados segundo sua natureza feminina ou masculina. A sociedade, dessa forma, determina os valores e os modelos para a mulher e criam paradigmas físicos, morais, mentais e religiosos cujas associações tendem a homogeneizar a mulher, projetando o perfil da “verdadeira mulher”.

Em artigo do jornal *La Libertad*, intitulado “*Ridículo*”, apresenta-nos uma tendência contrária à participação das mulheres na vida política da Nação:

En la mañana de ayer un grupo de mujeres se presentó ante al General Guimararens primero, después ante el Ministro Brasilerero y se nos afirma que aun hasta ante el Cónsul de Italia, peticionando nada menos que un cambio personal radical en el Poder Ejecutivo. ¿Quién inspiró á esas infelices mujeres? ¿Porque poner en ridículo a unas personas abusando de su ignorancia (...) ¿No saben que por nuestras leyes y costumbres la mujer no tiene derechos civiles? Empleen en buen hora las mujeres, el decurso de suplica para conmovier el corazón de los magistrados (...) El asunto es más digno de risa que de tratarlo con seriedad, pero nos proponemos explicar á las autoras del hecho el paso ridículo al que se han prestado (...). (*La Libertad* de 27 de abril de 1874. n. 40 v. 1. pp. 2-3.).

O discurso coloca em dúvida a competência política da mulher, argumentando que elas, sem *derechos civiles*, deveriam dirigir-se hierarquicamente aos juízes de paz antes de qualquer outra pessoa. O articulista manifesta “*certo desprezo*” e continua a referência, fazendo menção às funções tradicionais das mulheres na sociedade, em que:

La misión de la mujer en nuestra sociedad es la de la labor doméstica y la de dar ternura, dejando a los hombres las rudas tareas de la política y la guerra. A nuestra mujeres les corresponde el cuidado interno de hogar la dirección de los tiernos hijos: elevar preces al Señor por el bien de la humanidad, coser o planchar y lavar, cocinar una sopa, fermentar el queso, barrer la casa, cuidar la ropa del marido etc.

etc., y no en entrometerse en cosas que es mejor confiarlas al presidente o al Juez de paz. (*La Libertad* de 27 de abril de 1874. n. 40 v. 1. pp. 2-3.).

De qualquer forma, o articulista do jornal enfatiza que a mulher deveria incumbir-se de tarefas a elas já destinadas pela sociedade: a ocupação doméstica, a passividade, a função materna, enfim, mantém uma visão conservadora. Embora os jornais ressaltassem o trabalho da mulher na sociedade, em espaços já delimitados, os homens, principalmente, concordavam com a necessidade de uma formação mais adequada para essas mulheres, pois elas seriam as educadoras dos futuros cidadãos.

A maioria dos jornais do pós-Guerra, 1870-1904, publicam artigos sobre a necessidade de uma melhor educação feminina, pois a população e a elite tinham consciência de que “*para combatir esos malos inmensos que nos invaden y parece que van matando nuestra tranquilidad [!] no hay mas que um remedio ... Ilustrar a la mujer*”. (*La Pátria* de 16 de abril de 1875.).

Através da educação, era esperada uma melhoria geral das condições do país, tanto no aspecto social, como no aspecto econômico. Ao mesmo tempo, a imprensa referia que as mulheres deveriam receber uma instrução profissional, alegando que em outros países as mulheres receberam a devida instrução e provaram sua capacidade como telegrafistas, médicas, funcionárias do correio, etc.

Esse “jornalismo político” do pós-Guerra cumpriu uma função importante, uma vez que permitiu debater publicamente questões políticas e assuntos de interesse geral, gerando opinião, o que não havia experimentado a sociedade paraguaia até então.

Ao se observar os jornais da época, percebe-se uma intenção dos paraguaios de reconstruir as bases de uma República, em meio ao caos do pós-Guerra, de manter a integridade e soberania nacional e de levar adiante a reconstrução e a organização da Pátria. A imprensa, nesse período, passa a fiscalizar e a intervir em todos os níveis da vida nacional e, por conseguinte, orientar a opinião pública.

A ausência das mulheres protagonizando o noticiário político e econômico é relativamente grande. Por outro lado, quando lhes é dado o espaço nas seções dos jornais,

aparece, com força, um discurso de gênero que menciona somente questões femininas específicas, relacionadas ao trabalho e a vida doméstica.

Assim, é preciso entender que as relações de gênero são organizadas ideologicamente pela imprensa, apoiando-se em determinados padrões e paradigmas a respeito das mulheres naquele momento. Desse modo, o discurso de gênero diferencia ideologicamente os sexos e discrimina a mulher ao excluir sua presença do espaço público na sociedade que tenta se reconstruir da Guerra, relegando-a, no pós-Guerra, à esfera privada e tradicional do lar.

A posição alcançada na sociedade paraguaia e a representação daquilo que ela faz estão presentes nas relações sociais como reflexo das relações de gênero. Essas relações, como frisa Butler, são constituídas socialmente, entre sujeitos, em contextos específicos e são determinadas cultural e historicamente. (Butler, 2003:17-37).

A linguagem, portanto, contribui para a dominação de algumas pessoas sobre outras, por meio de um discurso de senso comum e pelo modo como esse discurso pode ser ideologicamente condicionado pelas relações de poder. Tal discurso mantém a mulher em uma posição de subordinação, pois produz uma imagem de fragilidade e de desigualdade em relação ao homem, levando à percepção da inferioridade feminina como algo ‘natural’.

4. ACABOU A GUERRA ... DE VOLTA AO “LAR”.

Nas representações sociais de gênero, existe a *figura* homem/mulher e o que *significa* ser homem e ser mulher. O que significa ser homem e ser mulher varia historicamente e culturalmente, na medida em que o sentido dessa diferença é dado pelo valor simbólico atribuído aos homens e às mulheres. Isso, de certa forma, gera comportamentos e representações socialmente adaptadas no que se refere ao masculino e ao feminino.

As mulheres paraguaias, no momento da Guerra, muitas voluntárias e outras totalmente coagidas, com a intenção de fazer muito mais pela Pátria, resolveram *pegar em armas* para lutar. Grande parte do vigor nacional e da demonstração de solidariedade para

com os soldados nos campos de batalha da Guerra do Paraguai deveu-se às pressões que o Estado fez através da imprensa, visando à difusão do patriotismo. As mulheres, por meio de um entusiasmo coletivo, se deixaram contagiar com a onda de patriotismo presente no Paraguai naquele momento, oferecendo-se espontaneamente ao recrutamento, com doações de jóias e trabalhos voluntários e, ainda, com apoio logístico à tropa.

Por outro lado, as barreiras de gênero tornam-se menos rígidas, já que, nas guerras, as mulheres podem ser capazes de exercer um certo controle e adquirir uma certa autonomia; todavia, elas não podem deixar de lado os deveres maternais e familiares, que se tornam mais difíceis de serem cumpridos, uma vez que o conflito as destitui ainda mais de recursos e oportunidades. A imprensa, dessa forma, teve o poder de influenciar ou manipular a opinião pública, ditando os padrões de comportamento.

Além de a guerra alterar os papéis e as responsabilidades dentro da sociedade, faz com que a mulher assuma outros encargos e com eles a possibilidade de exercer maior influência nas tomadas de decisões e aumentar sua atuação no espaço público. Dessa forma, pode-se dizer que o *espaço público* e o *espaço privado* são locais de circulação das mulheres.

Se a atuação e o engajamento das mulheres na resistência durante o período da Guerra foram significativos e considerados, no pós-Guerra não ficaram evidenciados. O reconhecimento da necessidade de sua atuação em diversas tarefas recaía no plano da economia e da moral, fundamentais para o processo de reconstrução nacional. Ou seja, as posições de *responsabilidade* e “*autoridade*” que elas obtiveram quando os homens estavam na Guerra, ou mesmo quando elas participavam direta ou indiretamente dos conflitos, voltam a concentrar-se no *espaço doméstico*.

Embora muitas mulheres tenham assumido outras funções fora daquilo do que era considerado *espaço doméstico*, a imprensa do pós-Guerra adere à idéia de que o compromisso único da mulher era com a esfera doméstica e com sua feminilidade, enfim, com o *espaço privado*.

Após a Guerra, especialmente entre 1870 e 1900, a evolução dos direitos das mulheres foi negativa. Os jornais discutiam que era importante a participação da mulher na sociedade e melhorar a qualidade e o acesso à educação. Mas a pouca representatividade política das mulheres, sobretudo das mulheres humildes, não beneficiou nem sua emancipação, nem a qualidade nos níveis de sua educação.

As nações em guerra reforçam as identidades de gênero e após, quando se inicia a reconstrução, os velhos papéis e comportamentos pré-determinados são normatizados: para os homens, o público e a política, para as mulheres, o privado e a casa; dos homens espera-se a agressividade, a capacidade de liderança e a racionalidade, e das mulheres, a delicadeza, a maternidade, a sensibilidade e a beleza.

Para entendermos as relações de gênero nesse estudo, é preciso posicionar a questão das diferenças no centro do discurso. Assim sendo, é importante enfatizarmos que, geralmente, o direito à palavra esteve reservado ao chamado 'sexo forte', o masculino, que, inscrito em formações discursivas patriarcais, tem perpetuado o discurso de gênero.

Essas imagens do feminino, ancoradas na memória discursiva, vêm se incorporar às representações de mulheres atuais, cujas idéias reforçam e justificam, em parte, a situação da condição feminina no Paraguai atual.

5. BIBLIOGRAFIA.

Álbum Gráfico del Paraguay. El Periodismo en el Paraguay.

ALCALÁ, Guido Rodríguez (comp.) *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPDEVILA, Luc. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. In: *Revista Estudos Feministas*. v.13. n.1. Florianópolis: jan./abr. 2005.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1998.

CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CASTRO, Claude. *Historia y ficción: Caballero de Guido Rodríguez Alacalá*. Asunción: Editorial Don Bosco, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

ESCOBAR, Ticio. *Una Interpretación de las Artes Visuales en el Paraguay*. Vol 1. Colección de la Américas 1. Asunción: Editorial Litocolor, 1982.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GOLDSTEIN, J. *War and Gender: How Gender Shapes the War System and Vice Versa*. Cambridge University Press, setembro de 2001.

JODELET, D. Representações Sociais: um Domínio em Expansão. In: Jodelet, D. (Org). *Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MELLO, Francisco Ignácio Homem de. Viagem ao Paraguai. *Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil*. v. 36. 1873.

ODDONE, Beatriz Rodriguez Alcalá de Gonzáles. *¿Residenta? - ¿Reconstructora?*. Historia de un Monumento Fallido. Asunción: 1974.

ORTOLAN, Fernando Lóris. *Sob o olhar da imprensa e dos viajantes. Mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai. 1864-1870*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, 2004.

POTTAST. Jutkelt Bárbara. *“Paraíso de Mahoma” o “El País de las Mujeres”?* Asunción: Litocolor SRL, 1996.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, pp. 133-184, jul-dez., 1995.

SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cad. de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, jul./set., 1993.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995, p. 27-93. v. 5.

THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

TORRES, Gabriela Valenzuela de Franco. *La Mujer de la Residenta*. Guerra de la Triple Alianza. 1865 a 1870. Asunción: Instituto de Cultura Hispánica, 1967.

6. IMPRENSA.

Cabichuí de 9 de janeiro de 1868, ano 2, n. 72. p. 4.

Cabichuí de 22 de junho de 1868. ano 2. n. 91.

La Estrella de 10 abril de 1869. n. 14.

La Libertad de 27 de abril de 1874. n. 40 v. 1.

La Pátria de 16 de abril de 1875. s/n.

Semanário de 26 de janeiro de 1867. n. 666.

7. NOTAS.

¹ Foucault afirma que “(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos (...)” FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. pp. 08-09.

² O *Semanário* era o órgão oficial e sob tutela do governo, já existente antes do início dos conflitos; considerado um jornal mais sério, com uma linguagem mais formal, era destinado à classe alta.

³ El Periodismo en el Paraguay. *Álbum Gráfico del Paraguay*. s/d. pp.257-258. Outro importante jornal, conhecido como um jornal de trincheira, era o *Cabichuí*. Publicado em Paso Pucú e tendo alcançado a localidade de San Fernando, surge em 1867 e teve a edição de 95 números. Fora redigido pelo padre Fidel Maíz, Natalício Talavera, Juan Crisóstomo Centurión e Victor Silvero. Neste jornal, escrito em espanhol e guarani, além das informações sobre a Guerra e notícias de reuniões patrióticas ou de ações heróicas de homens e mulheres no país, difundia e satirizava uma série de insultos sobre e contra os “negros” brasileiros, e contra o “negrito” D. Pedro II. O *El Centinela* era dirigido pelo Dr. Tristán Roca, suas edições constam de 63 números.

⁴ No momento em que as jóias eram entregues, expedia-se um recibo e contabilizavam-se as doações, detalhadamente, no chamado *Livro de Ouro*.

⁵ Entre os legionários, destacamos os irmãos Decoud que haviam abandonado o país após a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança. Este grupo de posição liberal possuía um estreito vínculo com a Argentina e se reuniram em meados de 1869 no “*Gran Club del Pueblo*”, juntamente com seu porta-voz: *La Regeneración*. Em 1870, surgiu para contra-atacar os legionários “*El Pueblo*”, organizado por lopiztas, na maioria ex-oficiais e antigos funcionários da época de López, entre eles, Cândido Bareiro e o general Bernardino Caballero. Estes estavam mais interessados em um sistema de governo autoritário e patriarcal próprio do período anterior à Guerra e cultivavam o nacionalismo paraguaio.